

O JORNALISMO COMO DIFUSOR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Raian Lucas Alves Soares¹; Maria Licia Ferreira Pessoa²; Nathalia Alves da Silva³; Márcia Viana da Silva⁴

Universidade Federal da Paraíba - UFPB
raianlucas99@hotmail.com

Resumo: Este artigo busca analisar o contexto midiático, mais especificamente o jornalístico, através de um olhar crítico-educativo sobre a forma como as notícias relacionadas ao meio ambiente são elaboradas e transmitidas aos receptores. Partindo de uma perspectiva de que o jornalismo também é um propagador da Educação ambiental, o profissional da notícia coloca-se como um articulador entre os diversos aspectos da sociedade, como o econômico e o político, interligando-os aos ambientais, na tentativa de elaborar matérias que abordem a temática ecológica, mas por meio de métodos sensibilizadores e educacionais, contribuindo para a informação e formação crítica dos cidadãos. Nesse sentido, tange-se o Jornalismo Ambiental ao colocá-lo como centro de uma discussão não paradigmática e inovadora na forma de fazer jornalismo, especialmente na elaboração de notícias e reportagens voltadas aos ideais sustentáveis. Com isso, pretende-se quebrar o estereótipo jornalístico de que as notícias ambientais são aquelas que falam sobre desastres naturais e promoção de conferências internacionais. O jornalista, assim como o professor, impõe-se como um sujeito difusor da Educação Ambiental a partir de suas investigações, seus levantamentos e da elaboração de suas matérias, que objetivam levar ao público uma nova maneira de aprender sobre o meio ambiente e, ao mesmo tempo, manter-se bem informado.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Jornalismo, Meio Ambiente, Sensibilização, Sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

No contexto sociopolítico brasileiro atual, observa-se a extrema preocupação da mídia com aspectos que, na visão de alguns profissionais da informação, são a base da sociedade, como a economia e a política. Entretanto, temas tão importantes quanto esses ainda são ignorados pelos veículos de comunicação. É o que acontece quando o assunto é o meio ambiente, pois existe, nos veículos de comunicação, uma carência de notícias e reportagens a respeito dessa temática, tornando-a mais uma casualidade do que um periodismo.

A cobertura de meio ambiente não pertence à confraria e não se trata de modismo. “Deve fazer parte das preocupações diárias de qualquer empresa jornalística que queira vender seus produtos e serviços da população”. “Hoje”, reconhece Randau, “alguns jornais têm colunistas fixos sobre meio ambiente e, eventualmente, cadernos especiais. No entanto, se alguém ler uma resenha, leu todas, na medida em que os articulistas abordam os temas da moda. Na verdade, deveriam tratar de assuntos que dizem respeito diretamente aos interesses do leitor, aquilo que acontece no seu quintal, na sua cidade. Ou seja, o ar que ele respira, a água que ele bebe, o solo onde pisa. Mas para isso é preciso investigar, sair a campo. (ANJ, 2007. p. 01).

Diante disso, o presente trabalho busca abordar a forma como o meio ambiente é retratado dentro da grande mídia, o papel dos meios de comunicação na difusão das correntes e campanhas em prol de políticas ambientais e atitudes sustentáveis, a importância da

divulgação de notícias e reportagens sobre esse tema nos jornais impressos, televisivos e de rádio, além do processo de sensibilização social que eles podem desencadear ao divulgarem informações a respeito desse assunto.

Ao tangenciar a temática ambiental, as mídias, frequentemente, abordam impactos e desastres naturais, como o ocorrido em Mariana, no qual dezenas de pessoas morreram soterradas pela lama tóxica que se estendeu por quilômetros de distância da barragem da mineradora Samarco, afetando diretamente o Rio Doce e extinguindo diversas espécies de vida existentes no local. Tomando como exemplo esse caso, os sites do G1 e da Folha de São Paulo divulgaram as seguintes informações:

O rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco, cujos donos são a Vale e a anglo-australiana BHP, causou uma enxurrada de lama que inundou várias casas no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, na Região Central de Minas Gerais, na tarde desta quinta-feira (5). Inicialmente, a mineradora havia afirmado que duas barragens haviam se rompido, de Fundão e Santarém. No dia 16 de novembro, a Samarco confirmou que apenas a barragem de Fundão se rompeu. O Corpo de Bombeiros de Ouro Preto, que tem equipes no local, confirmou uma morte e 15 desaparecidos até o momento. (G1.com, 2015)

O "tsunami", que também tinha lama de uma mina da Vale, presidida por Murilo Ferreira, destruiu um vilarejo, matou peixes, invadiu o litoral do Espírito Santo, abalou o abastecimento de água de cidades ao longo do caminho e deixou ao menos 8 mortos e 11 desaparecidos –há cinco corpos sem identificação. Os danos do desastre –ocorrido na cidade mineira que mais arrecadou com a extração mineral neste ano– já eram registrados, numa escala imensamente menor, há décadas nas cidades do chamado Quadrilátero Ferrífero. (Folha de São Paulo, 2015)

Embora tais sites de notícias tenham abordado o acidente ambiental que, segundo muitos ambientalistas, foi um dos maiores da história da humanidade, chegando a ser comparado com os rastros deixados pelas bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki no final da Segunda Guerra Mundial, observa-se a falta de sensibilização dos jornalistas para com os leitores.

Eis um dos desafios do jornalismo ambiental: propor que o assunto do meio ambiente não seja tratado somente em momentos em que o tema é relacionado a desastres em que não seja possível ignorar sua relevância, mas de forma transversal (MASSIERER, 2007, p.211).

A atitude de sensibilizar a respeito das consequências dos impactos ambientais é o que levará o receptor (leitor, ouvinte ou telespectador) a um processo de conscientização sobre suas ações na natureza.

Em geral, os jornalistas precisam ter um papel ativo na busca de boas ideias para reportagens. Existe uma tendência de que a cobertura ambiental fique limitada a acidentes, como vazamentos de substâncias tóxicas, ou evento ‘preparados’ por grupos ambientalistas ou empresas (NELSON, 1994, p. 16).

Nesse quesito, entra a figura do comunicólogo, personagem essencial para a correta articulação entre o informante, a informação e o informado. Sendo a comunicação uma área de estudo que tem como objeto ela mesma, obtém-se dessa autossuficiência um instrumento ideal para a propagação dos princípios do desenvolvimento sustentável, principal objetivo da Educação Ambiental. Nas Teorias da Comunicação, é possível encontrar uma série de definições e elementos que possibilitam a autonomia desse processo e sua influência na sociedade, interferindo de forma direta na sensibilização e conscientização dos indivíduos.

O processo comunicativo compreende vários elementos: os interlocutores (a presença correferenciada de um e do outro); uma materialidade simbólica (a produção discursiva); a situação (o contexto imediato, sua inserção numa estrutura sócio-histórica particular). A relação que se estabelece entre esses elementos é móvel e diversificada. O objetivo da análise comunicativa é justamente captar o desenho dessas relações; o posicionamento dos sujeitos interlocutores; a criação das formas simbólicas; a dinâmica de produção de sentidos. O que, sem dúvida, é contribuição ímpar para o conhecimento de nossa realidade contemporânea. (FRANÇA, Vera e SIMÕES, Paula. 2016, P.28)

Tomando como base a citação anterior, pode-se analisar como o processo comunicativo é formado, qual o papel dos interlocutores (jornalista e público) e o contexto imediato no qual esses sujeitos estão inseridos. Trazendo para o campo da Educação Ambiental, o contexto é o agora, a situação crítica em que o planeta se encontra e nas lutas constantes de militantes ambientalistas por melhorias nas políticas ambientais, com a implantação de medidas mais burocráticas em relação aos crimes cometidos contra os recursos naturais. Diante disso, qual é o papel do jornalismo nas questões ambientais no Brasil?

METODOLOGIA

Inicialmente, utilizou-se de diversas leituras sobre a Educação Ambiental nas instituições de ensino brasileiras, de artigos científicos e teses acadêmicas sobre a questão ambiental no País. Em seguida, houve um período de pesquisa em sites, jornais impressos, revistas e telejornais com o intuito de avaliar a forma de transmissão das notícias relacionadas aos recursos naturais e ecologia, sendo analisados também aspectos de credibilidade e responsabilidade no manuseio dos dados e na elaboração das matérias.

Partindo do método dedutivo (uma abordagem geral do tema) para o indutivo (uma abordagem mais específica), este trabalho tangencia os diversos assuntos relacionados à preservação da vida na Terra. Dos conhecimentos básicos da Educação Ambiental ao das políticas ambientalistas, considera-se ser o papel do jornalista ambiental o de propagar uma

nova forma de se fazer jornalismo, pois um profissional consciente dos seus direitos e deveres como um ecocidadão possui uma maior facilidade na construção dos textos e na correta seleção das imagens que levarão ao público o mínimo de sensibilização preciso para despertar o senso crítico dele com relação aos cuidados com o meio ambiente.

Por ser uma pesquisa excepcionalmente teórica, objetivou-se fazer análises de dados de degradação dos ecossistemas existentes no Planeta, de reportagens que visassem sensibiliza o receptor, interpretar o contexto sociopolítico em que o profissional da notícia está inserido e quais ações contribuem para a sua formação ecocidadã e sua respectiva dedicação ao jornalismo ambiental.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entender o papel dos meios de comunicação no contexto socioambiental em que a sociedade brasileira está situada torna-se difícil sem compreender, inicialmente, o jornalismo ambiental.

Chama-se Jornalismo Ambiental a especialização quer ela no contexto acadêmico e/ou de experiência da profissão jornalística, nos fatos relacionados ao meio ambiente, à ecologia, à fauna, à flora e a natureza, principalmente quando se trata em relatar sobre a sustentabilidade e da biodiversidade. (ELAINE, 2010, P.7)

A partir da perspectiva de que o profissional da notícia especializado na área ambiental assume um papel de grande responsabilidade diante das questões relacionadas à preservação ecológica da Terra, há a oportunidade de traçar-se metas para o correto exercício de sua nova especialização. Contudo, poucos são os repórteres conhecedores dessas temáticas, fato que expande cada vez mais o abismo entre a sustentabilidade e a sociedade.

Apesar de a Educação Ambiental fazer parte da matriz curricular das escolas brasileiras, muitos educadores excluem-na dos debates e exposições realizados na sala de aula. Dificilmente o meio ambiente será discutido nas aulas de História, Filosofia e Sociologia, disciplinas que abordam temáticas sociais, políticas e econômicas. Na linguística, a sustentabilidade é quase inexistente na ministração das aulas de Língua Portuguesa, Espanhola ou Inglesa. Nas ciências exatas, os números predominam. Sobra apenas para as Ciências da Natureza a responsabilidade dessa abordagem, e mesmo assim há muita carência de aprofundamento por parte do professor, do tempo e do próprio planejamento escolar.

Dentro da sala de aula também há a inexistência da prática, das dinâmicas que proporcionam aos educandos um maior contato com os temas ambientais, como coleta seletiva, preservação das espécies e consumo consciente. Além de um maior aprendizado,

essa interação fornece aos alunos um a experiência mútua de experiências com o outro, pois possibilita o diálogo entre os colegas e um dinamismo nas atividades.

A interpretação ambiental é uma forma de despertar a consciência, trazendo à tona a importância de se conservar através de atividades ou dinâmicas que aproximem o público das realidades sobre as questões ambientais, sociais, culturais e históricas e artísticas. (MAMEDE, 2001, P.15)

O Jornalismo Ambiental surge, nesse sentido, para ultrapassar as dimensões da sala de aula e alcançar um público maior, diversificado e consumidor de informações. Todavia, não é qualquer tipo de informação a respeito da natureza, e sim a produzida com ética, responsabilidade, fruto de investigações e análises críticas de sua necessidade e influência no processo sensibilizador dos interlocutores.

O jornalista, como ator social e mediador de sentidos, não pode estar ausente do debate ambiental. Ter uma visão de mundo sistêmica é a única maneira de conseguir produzir reportagens impregnadas de transversalidade, caminho que torna possível o oferecimento ao leitor de toda a complexidade contemporânea (GERAQUE, 2006, p. 10)

A notícia sobre o meio ambiente exige uma série de interpretações dos vários envolvidos no método de decodificação dela. Os temas informar-se, ser informado e informar são a base para a composição de cada parágrafo que compõe o texto, porque o jornalista deve ter em mente que a sua função não é apenas fornecer a informação, mas sim possibilitar a sensibilização de quem está sendo informado, e isso exige compromisso com a profissão e com a técnica da leitura, escrita e interpretação do contexto ecológico ao seu redor.

Enfatiza-se o não isolamento do jornalismo ambiental, justamente pelo fato de haver uma interdependência deste do jornalismo econômico, político, cultural e as diversas disciplinas que estudam o homem na natureza. Afinal, ele é um ser natural, sendo as questões ambientais parte de sua natureza.

Esse tipo de jornalismo possui várias funções junto à sociedade e ressalta três principais. Existe a "função informativa", que supre a necessidade que o reportem em estar em dia com os principais assuntos referentes à questão ambiental. A "função pedagógica" aborda as causas e soluções para os problemas ambientais e a indicação de caminhos para a sua superação e a "função política" trata da mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental. (BUENO, 2008)

Assim, esse tipo de jornalismo vem para propor aos indivíduos uma trégua nos avanços da degradação dos recursos naturais. Observa-se, hoje, uma grande propagação de sites que visam levar à população conhecimentos básicos das políticas ambientais, dos prejuízos causados pela exploração inconsciente e dos retrocessos que a humanidade está fazendo no tocante às causas ecológicas.



Figura 1. Registro midiático do desastre ambiental de Mariana. Imagem tirada do site G1.com

Nesses novos tempos, em que cada vez mais o Jornalismo Ambiental vem ganhando espaço nas mídias, mesmo que ainda não sejam frequentes abordagens que articulem os impactos ambientais e a Educação Ambiental para a formação do cidadão brasileiro, a especialização do jornalista na área de Meio Ambiente fornece ao profissional uma chance de inovar no mercado de trabalho, pois, além de estar criando conteúdos que mostram a outra face da natureza, aquela em que o homem luta incessantemente para frear os avanços da destruição, investe na implantação de políticas de fiscalização das áreas de preservação e leva aos estudantes de diversas escolas noções básicas de coleta seletiva, redução do consumo e reaproveitamento de materiais que são descartados.

Como exemplos de veículos de notícias que investem nessa nova forma de construção da informação têm-se o site do instituto AKATU e a Agência Nacional de Águas (ANA), que trazem relatórios e matérias sobre o consumo consciente o tratamento e distribuição dos recursos hídricos no Brasil, respectivamente, como é possível observar a seguir:

Há uma série de benefícios associados a reciclagem de materiais e, às vezes, não nos damos conta do impacto que pequenas ações podem ter. Por exemplo, uma latinha de alumínio reciclada, além de não exigir a extração de matéria prima bruta e os impactos associados, permite economizar 95% da energia que seria gasta para fazer a mesma latinha a partir do minério de alumínio extraído da natureza. Se cada brasileiro encaminhar uma latinha para a reciclagem, a economia de energia elétrica da produção de novas latinhas a partir desse material (ao invés de matéria prima bruta) equivaleria ao consumo de quase 220 mil residências por um mês. Assim, é importante separar corretamente os seus resíduos para que sejam encaminhados e tratados mais facilmente nas cooperativas de reciclagem. (AKATU, 2017)



COMO SEPARAR OS RESÍDUOS PARA A RECICLAGEM



PAPÉIS	PLÁSTICOS	VIDROS	METAIS
Papel de escritório, usado para escrever e/ou imprimir (papel de caderno, jornal, revista, folheto etc.)	Embalagem e tampas de shampoo, detergente, geladeira PET e outros produtos de uso doméstico	Garrafas de bebidas	Lata de óleo, de sardinha, de creme de leite
Cartões e cartões, cimes de papéis	Embalagens plásticas de alimentos	Frascos em geral (molho, condimentos, remédios, perfumes, produtos de limpeza etc.)	Alumínio (lata de refrigerante, de cerveja, de chá, tampa do esgoto, tampa do alumínio etc.)
Embalagem longa vida	Utensílios plásticos (canetas esferográficas, sacos de dentes, baldes, artigos de cozinha, copos etc.)	Cacos de vidro	Ferragens
Papel de embalagem, papel de embrulho de presentes	Sacos plásticos	Vidros de jarra	Aço
Papel de seda	Isopor	Vidros de automóveis	Fio de cobre
Papelão sanitário (papel higiênico e toalha de papel)	Canos e tubos de PVC	Tubos de televisão e vídeo	Panela sem cabo
Papelão comum (papelão ondulado e outros tipos)	Acrílico	Espelho	Embalagem de madeira
Papelão especial, com substâncias nocivas à saúde	Plástico tipo cabine	Cristal	Espelho de aço
Papelão encapado, com substâncias inflamáveis, e revestido com estanho ou alumínio	Embalagens plásticas metalizadas, como de alguns medicamentos		Lata de tinta
Papel vegetal			Lata de vidro
Papel de copo, papel de comprovante de cartão de crédito, de extrato bancário			
Papel fotográfico, fotografias			
Fitas e etiquetas adesivas			
Papelão recoberto com outro tipo de material, como o plástico (papelão plastificado ou alumínio (papelão laminado))			

EXIGEM DESCARTE ESPECIALIZADO
Refrigeradores e suas embalagens (gelo, corantes etc.)
Lâmpadas
Fios e baterias
Lata de aerossol e lata de tinta
Óleo de cozinha e outros tipos de óleo (lubrificantes, por exemplo)
Lixo eletrônico (celulares, computadores, baterias, impressoras, TVs etc.)
Pleno

Fonte: www.akatu.org.br

Figura 2. Guia do instituto AKATU sobre como separar corretamente os resíduos sólidos. Imagem tirada do site AKATU.org

No site da Agência Nacional de Águas (ANA), encontram-se matérias sobre a distribuição, gestão e tratamento dos recursos hídricos no Brasil, como está exposto neste trecho:

Os principais usos da água no Brasil são para irrigação, abastecimento humano e animal, industrial, geração de energia, mineração, aquicultura, navegação, turismo e lazer. O conhecimento acerca desses usos vem sendo constantemente ampliado por meio de levantamentos diretos, estudos setoriais e cadastros de usuários. A compatibilização dos usos múltiplos da água deve levar em conta as peculiaridades e diferentes necessidades de cada uso. A qualidade das águas não é relevante para a navegação, por exemplo, mas ela necessita de quantidades mínimas de água para sua viabilidade. Por outro lado, a boa qualidade da água é essencial para o abastecimento humano e para o lazer em balneários, entre outros usos. (ANA, 2017)

É diante desse cenário que o Jornalismo Ambiental ingressa como um difusor dos ideais sustentáveis e ecológicos, proporcionando aos consumidores de notícias não só informações periódicas, mas uma formação crítica dos indivíduos nos assuntos que envolvem o próprio convívio social deles, pois, por ser um ser social, o homem interage com tudo e todos que estão ao seu redor, inclusive com a própria natureza, E fazer Jornalismo Ambiental é mostrar que, caso a destruição dos recursos naturais não pare, o destino da humanidade será ser destruída, porque ela é uma obra da natureza.

CONCLUSÃO

Entende-se, a partir da análise do contexto sociopolítico do Brasil, que as notícias voltadas à temática ambiental têm ganhado espaço no setor informacional, porém ele ainda é muito limitado. Nos periódicos, as matérias, quando há, estão mais focadas nos prejuízos que

os desastres naturais causaram na economia do que na própria ação sensibilizadora e educativa do consumidor da informação.

O diferencial que o Jornalismo Ambiental traz é justamente a abordagem cotidiana de temas educativos, propagados de uma maneira que envolva o receptor. O jornalista torna-se não só um difusor de notícias como também um educador social. Essa função dele, entretanto, exige um contato constante com livros, artigos, jornais, revistas e a comunidade que enfrenta problemas direta ou indiretamente ligados ao meio ambiente.

Ao assumir o posicionamento de educador, ele compromete-se com a preservação da ética social e ambiental, adota atitudes coerentes com o seu discurso ecologicamente correto e amplia os seus conhecimentos crítico e de mundo. Além disso, sua função como jornalista assemelha-se a de um professor, porém em um espaço maior, que é a sociedade consumidora de notícias, e com um poder de propagação de seus ideais bem mais amplos.

Quando a temática se volta à Educação Ambiental, é necessário entender que, assim como nas outras disciplinas, a articulação dos contextos nos quais os educandos (receptores) estão inseridos deve ser levada em conta, pois se torna impossível elaborar um projeto midiático sensibilizador, sem, antes de tudo, compreender as culturas, os valores, as ideias e o convívio dos diferentes grupos sociais com o próprio meio ambiente.

Portanto, a função do jornalismo também é difundir as ideias sustentáveis através dos meios de comunicação. Além dos impactos que os desastres ecológicos causam na economia, pautas sobre como evitar esses desastres também devem ganhar o horário nobre da TV e uma reportagem especial nos veículos impressos em circulação pelo País. Ao contrário do que muitos pensam, são inúmeros os temas a ser abordado. A coleta seletiva, o processo de reaproveitamento, degradação e recuperação de ecossistemas, estudos sistêmicos e a própria Educação Ambiental podem e devem ser temas corriqueiros nos veículos de comunicação existentes no Brasil. Dessa forma, o jornalismo cumpre mais um dos seus principais papéis: o compromisso com a sociedade e com o meio ambiente que a envolve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELAINE, C. **Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto atual**, Manaus, Amazonas. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2674-1.pdf>>. Acesso em: 10 de Ago. 2018.

Barragem se rompe, e enxurrada de lama destrói distrito de Mariana. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/11/barragem-de-rejeitos-se-rompe-em-distrito-de-mariana.html>>. Acesso em: 02 de Ago. 2018.

A tragédia e a tragédia de Mariana. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leaoserva/2018/05/a-tragedia-e-a-tragedia-de-mariana.shtml>>. Acesso em: 02 de Ago. 2018.

NELSON, Peter. **10 Dicas Práticas para Reportagem sobre o Meio ambiente.** WWFBrasil, 1994.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa.** São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

FRANÇA, Vera. PAULA, G. **Curso básico de Teorias da Comunicação.** 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Como separar os resíduos para a reciclagem. Disponível em: <<https://www.akatu.org.br/dica/como-separar-os-residuos-para-reciclagem/>>. Acesso em: 02 de Ago. 2018.

Usos da água. Disponível em: <<http://conjuntura.ana.gov.br/usoagua>>; Acesso em: 02 de Ago. 2018.

GERAQUE, Eduardo Augusto. **Reportagens atravessadas: um mergulho, via teoria geral dos sistemas na cobertura da poluição atmosférica feita por jornais brasileiros e mexicanos.** Tese. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde.../Tese_Doutorado.pdf.

MAMEDE, Simone. **Interpretando a natureza.** Campo Grande: Editora Oeste, 2001.

MASSIERER, Carine. **O olhar jornalístico sobre o meio ambiente: um estudo das rotinas de produção nos jornais Zero Hora e Correio do Povo.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação).. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Link (Sim, no outro) Disponível em: www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10991.

MURAD, Angèle. **Oportunidades e Desafios para o Jornalismo na Internet.** Disponível em: <<http://www.uff.br/miscicii/angele1.htm>>. Acesso em: 10 de Jul. 2018.